



3.2.14 • As incertezas da Europa • A diversidade de situações e de relações

A posição competitiva da Europa

Pedro Pinto

AINDA A RECUPERAR DAS DÚVIDAS quanto à resiliência do Euro – se bem que os maiores receios tenham sido dissipados desde a chegada de Mário Draghi à liderança do BCE –, os estilhaços da crise financeira e a asfixia económica provocada pela crise das dívidas soberanas mantêm-se como os principais condicionalismos no desempenho da União Europeia.

Para além das necessidades de ajustamento e reestruturação de algumas das economias da Zona Euro – Itália e Espanha, à cabeça – soma-se o declínio abrupto das economias sob resgate como Irlanda, Portugal e Grécia.

A matriz de redução da despesa e de consumo interno já está, ela própria, a impor uma gravidade negativa nas economias mais robustas da Zona Euro, com uma redução dos fluxos comerciais e um arrastamento para níveis anémicos das perspectivas globais de crescimento.

“ [...] a União assiste a uma estratégia de ajustamento de algumas das suas economias com a convicção crescente de que apenas uma solução global, que inclua transferências entre os diferentes espaços, poderá evitar um abismo maior entre economias fortes e outras mais fragilizadas. ”

Paralelamente, as mais recentes dúvidas sobre a vontade da Zona Euro em resgatar a economia cipriota – na iminência de uma falência mais ou menos sistémica, consoante os pontos de vista – acabam por vincar a incapacidade europeia em descolar em termos de crescimento e, ao mesmo tempo, debelar um dos seus problemas sociais mais críticos: o desemprego.

Crescimento, desemprego e inflação

Ao longo da primeira década do século XXI, o espaço europeu apresentou uma vitalidade mais tímida quando comparado com o ritmo de crescimento da economia americana ou, numa escala mais diferenciadora, quando alinhado face à pujança dos BRIC's ou à emergência da Ásia no contexto do comércio mundial.

Um padrão que irá manter-se na primeira metade da segunda década: até 2014, a União Europeia vai crescer menos de que a sua congénere americana, com particular relevo para uma queda do PIB em 2012, tanto na análise a 27 países como na Zona Euro.

E se nos primeiros dois anos desta década a diferença ficou apenas nos 0,4 %, 2013 e 2014 sublinham caminhos alternativos. Os dois espaços divergem muito em virtude da anemia que tolda as contas europeias, prejudicadas pela menor dinâmica do comércio interno graças ao ajustamento estrutural de várias das economias, confrontadas com a crise das dívidas soberanas.

A segunda metade de 2012 implicou uma queda do produto na Zona Euro a rondar os 0,75 %, com as perspectivas para 2013 a centrarem-se numa recuperação apenas no segundo semestre, cuja cifra poderá atingir 1 %. Um resultado para o qual aportou a contracção da maioria das economias periféricas, asfixiadas por políticas fiscais e difíceis condições de financiamento, condenadas a uma ligeira revitalização – tão volátil quanto incerta, diga-se – apenas em 2013.

Ao invés, a actividade da economia americana vai permitir aos EUA crescerem 1,5 % na segunda metade de 2013, mesmo apesar das dúvidas com o tecto fiscal e uma lenta recuperação de confiança de consumidores e empresários, a par de uma necessidade de consolidação orçamental susceptível de sitiar um crescimento mais vigoroso.

Também ao nível do desemprego, a comparação é desfavorável para a Europa, sendo que os dois espaços enfrentam índices elevados, socialmente alarmantes nalgumas regiões. Nos Estados Unidos a taxa de desemprego rondou os 10 % no virar da década, mas acabou por descer nos últimos tempos para os 8 %, onde se deverá manter ao longo deste ano. Já quanto à Europa, um em cada dez trabalhadores deverá continuar sem trabalho ao longo de 2013, com o rácio a manter-se em um em cada quatro na Grécia e Espanha. E com Portugal a aproximar-se dos piores valores: já foi ultrapassada a relação de um desempregado em cada seis trabalhadores.

Mais sintomático ainda é que na periferia da Zona Euro quase metade da força de trabalho jovem está sem emprego. Uma realidade com contornos sociais perigosos em termos de estabilidade social e unidade dos países mais atingidos. E para a qual urge encontrar uma solução rápida e definitiva. Em matéria de inflação, a redução da procura global e o abrandamento da economia mundial fazem adivinhar uma menor aceleração dos preços nos dois lados do Atlântico, a par de uma decrescente pressão extensível às economias emergentes.

	Crescimento			Inflação			Desemprego		
	2011	2012	2013	2011	2012	2013	2011	2012 ^p	2013 ^p
Zona Euro	1,4	-0,4	0,2	2,7	2,3	1,6	10,2	11,2	11,5
Alemanha	3,1	0,9	0,9	2,5	2,2	1,9	6,0	5,2	5,3
França	1,7	0,1	0,4	2,1	1,9	1,0	9,6	10,1	10,5
Itália	0,4	-2,3	-0,7	2,9	3,0	1,8	8,4	10,6	11,1
Espanha	0,4	-1,5	-1,3	3,1	2,4	2,4	21,7	24,9	25,1
Holanda	1,1	-0,5	0,4	2,5	2,2	1,8	4,4	5,2	5,7
Bélgica	1,8	0,0	0,3	3,5	2,8	1,9	7,2	7,4	7,9
Áustria	2,7	0,9	1,1	3,6	2,3	1,9	4,2	4,3	4,5
Grécia	-6,9	-6,0	-4,0	3,3	0,9	-1,1	17,3	23,8	25,4
Portugal	-1,7	-3,0	-1,0	3,6	2,8	0,7	12,7	15,5	16,0
Finlândia	2,7	0,2	1,3	3,3	2,9	2,3	7,8	7,6	7,8
Irlanda	1,4	0,4	1,4	1,2	1,4	1,0	14,4	14,8	14,4
Eslováquia	3,3	2,6	2,8	4,1	3,6	2,3	13,5	13,7	13,5
Eslovénia	0,6	-2,2	-0,4	1,8	2,2	1,5	8,2	8,8	9,0
Luxemburgo	1,6	0,2	0,7	3,7	2,5	2,3	5,7	6,2	6,1
Estónia	7,6	2,4	3,5	5,1	4,4	3,2	12,5	10,1	9,1
Chipre	0,5	-2,3	-1,0	3,5	3,1	2,2	7,8	11,7	12,5
Malta	2,1	1,2	2,0	2,5	3,5	2,2	6,5	6,0	5,8
Reino Unido	0,8	-0,4	1,1	4,5	2,7	1,9	8,0	8,1	8,1
Suécia	4,0	1,2	2,2	3,0	1,4	2,0	7,5	7,5	7,7
Rep. Checa	1,7	-1,0	0,8	1,9	3,4	2,1	6,7	7,0	8,0
Dinamarca	0,8	0,5	1,2	2,8	2,6	2,0	6,1	5,6	5,3
Polónia	4,3	2,4	2,1	3,9	2,7	4,3	9,6	10,0	10,2
Roménia	2,5	0,9	2,5	5,8	2,9	3,2	7,4	7,2	7,0
Hungria	1,7	-1,0	0,8	3,9	5,6	3,5	11,0	10,9	10,5
Bulgária	1,7	1,0	1,5	3,4	1,9	2,3	11,3	11,5	11,0
Lituânia	5,9	2,7	3,0	4,1	3,2	2,4	15,4	13,5	12,5
Letónia	5,5	4,5	3,5	4,2	2,4	2,2	16,2	15,3	13,9

Competitividade europeia: crescimento, inflação e desemprego.

^p Projecção. Fonte: Fundo Monetário Internacional e Eurostat.

Diferente é o cenário comparativo da União Europeia face às restantes áreas concorrentes, com excepção do Japão, cuja recuperação pós-terramoto irá agora espalhar-se com menor vigor. Em matéria de crescimento económico, China, América Latina e Rússia mantêm uma trajectória de pujança, já claramente vincada ao longo da última década.

Um desempenho fundamental para o equilíbrio da economia global, alavancada nos últimos anos na enorme contribuição de crescimento proveniente destas regiões emergentes. Uma tendência sublinhada em 2013 e 2014, com variações de PIB significativas, nalguns casos superiores a 5 %. No campo asiático, a China manter-se-á como principal motor económico, muito graças à aprovação de novos projectos de infra-estruturas. Já na América Latina, esse papel caberá, com naturalidade, ao Brasil.

Comparações internas: uma Europa fracturada

Do ponto de vista intra-europeu, são visíveis as clivagens entre o desempenho económico do centro face à periferia, com significativo aumento de desemprego na área de fronteira a sul face ao espaço central e norte da Europa.

Portugal e Grécia são os países da União que apresentam os piores resultados entre os 27, com três anos consecutivos de quebra do Produto. Uma realidade mais vincada na Grécia, onde a retracção do PIB ronda, de forma cumulativa, os 17 %, quase o triplo do desempenho negativo português.

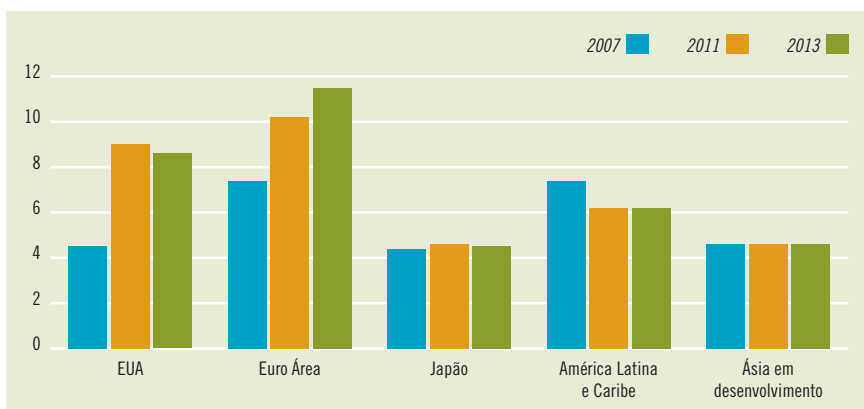
A necessidade de ajustamento estrutural está igualmente a castigar o desempenho de Espanha e Itália e a deixar sequelas em países, à partida, mais imunes à crise da dívida como Holanda ou mesmo França.

À medida que a contracção avança nos países sob resgate ou naqueles que se encontram entre a estreita fronteira que separa os mercados de uma intervenção, cresce a incerteza nas economias mais robustas, também elas penalizadas por um abrandamento das trocas internas e o clima geral de pessimismo.

	Crescimento			
	2010	2011	2012 ^p	2013 ^p
Mundo	5,1	3,8	3,3	3,6
União Europeia	2,1	1,6	-0,2	0,5
Zona Euro	2,0	1,4	-0,4	0,2
Reino Unido	1,8	0,8	-0,4	1,1
Estados Unidos	2,4	1,8	2,2	2,1
Japão	4,5	-0,8	2,2	1,2
Canadá	3,2	2,4	1,9	2,0
Rússia	4,3	4,3	3,7	3,8
China	10,4	9,2	7,8	8,2
Índia	10,1	6,8	4,9	6,0
América Latina e Caribe	6,2	4,5	3,2	3,9
Brasil	7,5	2,7	1,5	4,0
México	5,6	3,9	3,8	3,5
África do Sul	2,9	3,1	2,6	3,0

Competitividade nos vários espaços mundiais.

^p Projeção. Fonte: Fundo Monetário Internacional e Eurostat.



Comparações ao nível do desemprego (em %). Fonte: Fundo Monetário Internacional e Eurostat.

Mesmo a economia alemã, cujo desempenho é fortemente influenciado pelas trocas intra-europeias, enfrenta um abrandamento da actividade, com os dois últimos anos a apresentarem uma quebra superior a ¼ quando se relaciona com 2011. Fora da Zona Euro, destaque para a Grã-Bretanha, a cair em recessão no ano passado, mas com perspectivas de um regresso ao crescimento já para este ano; e para os números robustos de Polónia, Lituânia e Letónia, num ritmo apenas acompanhado pela Estónia – o país com mais elevado crescimento no triénio 2011-2013 entre os países da moeda única, logo seguida pela Eslováquia.

No que toca ao desemprego, destaque para Grécia e Espanha com taxas superiores a 25 %. Índices que vincam uma tendência europeia de crescimento no número de pessoas sem trabalho: desde o virar da década que o volume não tem parado de aumentar na Zona Euro e na União Europeia. E se uma taxa 5,3 % na Alemanha – a mais baixa da Europa – se apresenta como o contraponto de um recorde “greco-castelhano”, também França, Holanda, Bélgica e Áustria lançam sinais de alerta, com um padrão de agravamento na sua taxa de desemprego.

Ao invés, Malta e Estónia são os únicos países da Zona Euro a poderem gabar-se de uma trajectória descendente no desemprego entre os três anos em análise. Um feito alcançado dentro da União Europeia por apenas mais 4 países: Roménia, Hungria, Lituânia e Estónia.

Já em matéria de inflação, o crescimento anémico em diferentes economias e a ausência de uma procura interna europeia forte aliviam qualquer pressão inflacionista, com uma tendência para um abrandamento do crescimento dos preços, grosso modo, em todo o espaço europeu.

Novos desafios, velhas querelas

Ultrapassadas as maiores reservas quanto à viabilidade do Euro – com consequências nos próprios fluxos de investimento e respaldo de capitais – a União assiste a uma estratégia de ajustamento de algumas das suas economias com a convicção crescente de que apenas uma solução global, que inclua transferências entre os diferentes espaços, poderá evitar um abismo maior entre economias fortes e outras mais fragilizadas.

A manutenção da dinâmica demonstrada pelos mercados exteriores à União, bem como um ritmo de consolidação intra-europeu menos penalizante, abririam portas para um crescimento menos errático no pós-2013. De resto, os desafios do ponto de vista interno, radicados numa união fiscal e bancária no âmbito da Zona Euro, vão determinar muito do ritmo e eventual desafogo do caminho europeu. Se bem que as clivagens estratégicas entre União e Grã-Bretanha, além de desavenças quanto a modelos de ajustamento e solidariedade sejam querelas antigas, que nem a crise conseguiu mitigar. E não parece que no futuro se vislumbrem alterações significativas. ■

UM GIGANTE COMERCIAL

Apesar de uma menor relevância numa compita directa com os Estados Unidos e restantes parcelas do globo em termos de crescimento económico, a União Europeia continua a ser um espaço exemplar em várias outras áreas.

Analisada a 27 países, a integração europeia predomina em termos de volume no comércio mundial, com a soma das importações e exportações a colocarem-na na liderança, com uma quota superior aos Estados Unidos, China ou Japão. Um resultado para o qual contribuem os 500 milhões de cidadãos que a compõem, a terceira economia mais populosa do Mundo, a seguir à China e à Índia.

Também do ponto de vista ambiental, a emissão de gases de estufa deixa a União Europeia numa posição mais respeitável face à congénere americana, cujo aumento do volume de emissões entre 1990 e 2010 contrasta, precisamente, com a descida protagonizada pela Europa.

Por fim, embora a percentagem do PIB destinada a investigação seja no total da União Europeia 2/3 daquela que é reservada pela economia americana, também ao nível das patentes a Europa encontra-se entre os espaços mais profícuos: é responsável por uma em cada 5 patentes mundiais, praticamente ao nível de Japão e EUA. Um patamar que compara com uma patente em cada 7 por parte da China ou uma em cada 11 da Coreia do Sul.